

PEQUENA HISTORIA DA FEBRE AMARELLA NO BRASIL ¹

Pelo Dr. J. PLACIDO BARBOSA

Inspector tecnico do Departamento Nacional de Saude Publica do Brasil

A primeira noticia fidedigna que temos da febre amarella no Brasil é a que nos dá Ferreyra da Rosa no seu "Tratado Unico da Constituição Pestilencial de Pernambuco" impresso em 1694, e pela qual se verifica que tal febre assolava o Recife e outras povoações vizinhas desde 1685. Que foi a febre amarella o "contagio pestilencial" que Ferreyra da Rosa historiou não resta a menor duvida, diante dos symptomas que elle descreve, e da filiação que com esta epidemia de Pernambuco teve a epidemia da bicha da Bahia, a qual foi demonstradamente a febre amarella. Ferreyra da Rosa diz num ponto que a febre amarella durava em Pernambuco havia seis annos em outro marca-lhe a duração de sete, o que dá para o seu inicio os annos de 1685 ou 1686, pois que elle escrevia em abril de 1691. A molestia elle a definia "febre pestilente," "do genero dos synochos pôdres," "epidêmica," perniciosa, "porque matava a muitos"; e descreve a sua symptomatologia: febre, pulso frequente, lassidão, respiração "como de opprimidos," affrontação da bocca do estomago, cephaléa, agitação, delirio, os doentes "se levantam e sahẽm pelas ruas despídos, se não têm delles vigilancia," dóres nas cadeiras e em todo o corpo, vomitos de atrabilis, suppressão de urinas, ictericia, parotidites. "Sobre todos os signaes ha dous tremendos," observa Ferreyra da Rosa, "que são a ictericia (por outro nome morbo regio) e a suppressão das urinas. O primeiro é presagio trabalhoso e miseravel, vindo antes do septimo . . ." "Dos dous o ultimo (que é a suppressão alta de urinas) é signal mortifero, de que não vi nem ouvi que livrasse doente algum, inquirendo este negocio com toda a diligencia." Sobre a mortalidade diz elle: "Ainda que o numero de mortos neste Recife, deste contagio, não passe de duas mil pessôas, não me admira menos que o numero de mortos neste Recife, deste contagio, não passe de duas mil pessôas, não me admira menos que o numero de milhares lidos em outras observações, por que respective aos habitantes fica sendo extraordinario o golpe e chegou a ponto de não haver homens para acompanhar o Santissimo Sacramento."

Os vomitos de atrabilis a que allude Ferreyra da Rosa eram os vomitos pretos; o Dr. Teixeira de Souza deixou bem claro esse ponto na sua excellente memoria sobre a medicina colonial no Livro do Centenario. Este investigador cita o depoimento das testemunhas

¹ Archivos de Hygiene 3, 1929.

inquiridas em Lisbôa no Summario mandado fazer pelo rei ouvindo os officiaes e tripulantes do barco *Sacramento e Almas*, partido de Pernambuco em agosto de 1691, e a bordo do qual grassou durante a viagem a mesma doença do Recife, testemunhas que falam do "humor negro" ao modo de ferrugem (fuligem) de chaminé, da mesma côr e do mesmo modo que os moribundos deste achaque costumam botar pela bocca na dita cidade de Pernambuco." Em documento interessante, accrescenta o Dr. Teixeira de Souza, encontrado sobre esta epidemia pelo distincto medico e historologista cearense Dr. Guilherme Studart, documento que elle attribue ao padre bahiano Antonio da Silva, vigario da matriz do Recife e contemporaneo da bicha, se diz que nos doentes "havia cursos biliosos e ás vezes com mesclas de sangue e outras vezes sangue liquido, assim por curso como por vomitos." Não ha duvida, portanto, de que o synocho podre de Ferreyra da Rosa era a febre amarella.

De Pernambuco passou a febre á Bahia. "A noticia de tal flagello chegou com elle á Bahia," escreve Cerqueira e Silva nas Memorias da Bahia, "havendo dias em que adoeciam mais de duzentas pessoas e poucas fôram as que sobreviviam nove dias, pois quasi geralmente o termo fatal dos infectados era no mesmo dia do ataque; notava-se em uns calor tepido e pulso soccegado e em outros delirios, ansias e grande febre, expirando todos lançando pela bocca copioso sangue." Em Pernambuco deram então á febre amarella o nome de males, "porque parece incluir em si todos os males," e na Bahia chamaram-lhe bicha, "porque a todos mordida e de seu veneno poucos livraram, pois era o mesmo adoecer que acabar," conforme diz o Padre Loreto Couto.

Segundo Ferreyra da Rosa e os historiadores que o tomaram por base, a febre amarella teria sido importada da ilha de S. Thomé no costa da Africa. O conselheiro Dr. Cruz Jobim, a proposito da epidemia de 1850, no Rio de Janeiro, é de parecer que ella nos veio do golfo de Sião; pelo anno de 1685, refere elle, partiu do golfo de Sião, ao pé da China, a não fraceza *Oriiflamme*, que ia para Fort-Royal, nas Antilhas; logo depois de sua partida, em seguida á abertura de uns barris de carne, começou a adoecer a tripulação, verificando-se depois que ao tempo da partida desse navio reinava em terra a mesma molestia; a não, por causa de epidemia a bordo, foi obrigada a arribar em Pernambuco, nos fins de 1685, e d'ahi data a epidemia a essa parte do Brasil. Esta narrativa de Jobim está em desaccordo com outros historiographos medicos (Moreau de Jonnes, etc.), os quaes dão a *Oriiflamme* chegando á Martinica, com escala por Pernambuco, em dezembro de 1690, a menos que se trate de viagens differentes do mesmo navio, com a mesma procedencia e o mesmo destino. Sobre esta questão da *Oriiflamme*, os documentos historicos não são concordes. Como quer que seja, porém, de S. Thomé ou de Sião, o certo é que a febre amarella foi trazida de fóra para o Brasil, onde ella não existia, e

que a primeira noticia positiva da sua existencia aqui data de 1685, pois a opinião de que houve febre amarella em Pernambuco em 1640 trazida pela esquadra hespanhola do almirante Mascarenhas não teria por si documentos probatorios sufficientes. A affirmação de ter sido a febre amarella levada de Pernambuco para as Antilhas em 1690, pelo navio *Oriflamme* é completamente destituida de fundamento. A febre amarella já era endemica nas Antilhas muito antes de 1685, pelo menos desde 1635, se partirmos do primeiro documento historico positivo, que é a relação do Padre du Tertre, sobre a febre amarella na ilha de Guadalupe; e ella é depois assignalada, nesta ou naquella ilha, quasi anno por anno; em 1640 e 1648 na Guadalupe, em 1649 em Cuba, em 1655 na Jamaica, em 1656 em S. Domingo e outras, em 1665 em Santa Lucia, etc., e como observa Bérenger Féraud, quando a *Oriflamme* chegou á Martinica em dezembro de 1690, já a febre amarella grassava na Guadalupe, em Santa Cruz, na Barbada, em S. Domingo.

Depois desta epidemia de Pernambuco e Bahia, de 1685 a 1691, sómente depois de decorridos 158 annos, em 1849, é que se ouve falar de novo da febre amarella no Brasil, com o seu reaparecimento na Bahia e no Rio de Janeiro. Este seculo e meio de silencio para uma molestia que encontrava no paiz todas as condições de desenvolvimento, seria factio inexplicavel, dado que fosse verdadeiro. Ha todos os elementos, porém, para crêr que, desde a epidemia de Pernambuco descripta por Ferreyra da Rosa, nunca mais a febre amarella abandonasse o nosso paiz; pelo menos, é certo que ella existia ainda, na Bahia e no Rio de Janeiro, muitos annos antes da falada importação de 1849. Sem contestar essa importação nova de febre amarella, pôde-se dizer que ella foi indifferente ao desenvolvimento da epidemia de 1850, e que, com toda a certeza, não data dessa época a infecção do nosso litoral pois não ha duvida nenhuma que o paiz já abrigava em seu seio tão terrivel inimiga.

A incuria dos nossos colonisadores por tudo o que não fosse ouro ou meio de obtel-o explica por que não temos nenhum estudo ou observação bem feita das molestias que grassaram no paiz nos seus tempos antigos. Sómente depois da nossa independencia é que esse estudo das nossas molestias e as observações epidemiologicas começaram a ir sendo feitas com mais cuidado e por profissionaes. Nesse periodo mais proximo de 1850 é facil então seguir as pegadas da febre amarella, e verificar que ella ahi estava prompta a explodir em mortandades. Depois da epidemia da Bahia em 1686, a febre amarella continuou por annos ainda a apparecer ahi esporadicamente. "Muitos annos já, depois de ter a molestia deixado de ser endemica," escreve Southey, "ainda cahiam victimas della estrangeiros que de outros paizes ou do sertão vinham a qualquer das cidades em que havia reinado o flagello."

Ha um seculo atrás, quando o Principe D. João refugiou-se no Brasil, as febres eram a molestia mais frequente e geral na cidade do Rio de Janeiro; sobre a natureza dellas e sobre as suas fórmulas varias pouco se sabe, á mingua de documentos. Sigaud refere cinco observações de febre amarella na sua clinica, no Rio de Janeiro, em 1828, 1839 e 1842. As observações de Sigaud não deixam duvidas de que se tratava de febre amarella: os doentes eram sujeitos robustos, com os symptomas cephaléa, rachialgia, febre, epistaxis, vomitos pretos, remissão no 3º dia, ictericia, anuria. Contesta que a doença tenha sido importada dos Estados Unidos e affirma a sua existencia esporádica nas cidades maritimas do Imperio em diversos pontos do litoral.

E o Dr. José Maria Bomtempo, escrevendo em 1812, fala já de febres em que “apparecendo a amarellidão geral e continuando a persistir a febre, houve quem julgasse serem febres amarellas.”

A historia antiga da febre amarella no Rio de Janeiro foi minuciosamente relatada pelo Dr. Roberto Lallemand, natural de Lubeck, nas suas “Observações acerca da epidemia de febre amarella no anno de 1850, no Rio de Janeiro” publicadas em 1851. A barca dinamarqueza *Navarre*, de 9 homens de tripulação, deixa a Bahia na segunda quinzena de novembro do 1849 e chega ao Rio no dia 3 de dezembro, com 12 dias de viagem, tendo livre pratica, por nada constar sobre a epidemia na Bahia. O consignatario vendeu-a, logo que viu os marinheiros assim doentes; a marinhagem se dispersou; alguns marinheiros foram para a casa de pasto do americano Franck, á rua da Misericordia. A 28 de dezembro Lallemand diagnostica febre amarella em dous doentes novos da sua enfermaria de estrangeiros no Hospital da Santa Casa de Misericordia, os quaes eram Enquit e I. Anderson. O diagnostico não foi crido. Enquist, finlandez, chegado em direitura, havia 14 dias, no brigue *Wolga*, morava na ladeira do Castello, por trás da taverna do Franck, e Anderson morava na propria taverna do Franck.

A noticia da epidemia de febre amarella no Bahia chegara ao Rio pelo vapor de guerra *D. Affonso*, no dia 13 de dezembro de 1849. A 4 de janeiro de 1850, Lallemand observa na sua enfermaria mais dous doentes de febre amarella, ambos recém-chegados e moradores na taverna do Franck; ainda em janeiro, elle observou mais 18 doentes, procedentes de duas tavernas de marinheiros fronteira e vizinha immediata da de Franck, e de uma casa proxima. A 8 de janeiro de 1850, Lallemand communicou ao Provedor da Santa Casa da Misericordia que havia a maior certeza da existencia da febre amarella no Rio de Janeiro e o Provedor officiou a respeito ao Ministro do Imperio. O Governo mandou convocar a Academia Imperial de Medicina; mas a opposição foi quasi geral ao diagnostico do Dr. Lallemand e a commissão nomeada para dar parecer sobre a materia não julgou sufficientes os elementos existentes para concluir pela affirmativa,

opinando, entretanto, que, por precaução, se deveria tomar providencias como se se tratasse de febre amarella. Dentro em poucos dias, porém, não era mais possível negar a existencia da febre amarella, tal a sua devastação. Não valeu posição, resguardo, nem todas as commodidades, para evitar o mal; sómente quem deixou a capital, disse o Dr. Feital, e procurou Petropolis, alto da Tijuca, Morro Queimado, Serra da Estrella ou outros logares elevados e bastante afastados do fóco é que ficou livre.

A epidemia caminhou a principio muito devagar, descreve Lalle-mant; porém caminhava com passo certo, quasi de uma casa para outra, de um para outra travessa ou rua. De repente a sua marcha acelerou-se; em março toda a cidade estava atacada. A febre poupava os pretos, ceifava estrangeiros e brasileiros e a mortalidade era enorme nas crianças de 1 a 7 annos. Os mezes de março, abril e maio fôram os mais terriveis; nas igrejas não cabiam mais cadaveres; foi prohibida a divulgação estatistica dos mortos. Os doentes eram a principio tratados pelo Dr. Lalle-mant em quartos separados do Hospital de Misericordia; depois em uma casa situada a meia altura do Morro do Castello; em meados de janeiro, contando-se já por milhares os doentes, o Ministro do Imperio mandou que se estabelecesse um hospital no edificio do convento dos religiosos franciscanos situado na ilha do Bom Jesus dos Frades; mais tarde foi estabelecido um hospital maior n'um grande edificio situado no morro do Livramento, perto do cães da Imperatriz. Ao mesmo tempo foi creada uma Comissão Central de Saúde Publica, com o fim de propor todas as medidas necessarias para arredar de sobre a população o terrivel flagello, a qual publicou conselhos ás familias, tranquilizando-as; affirmando que a febre amarella poupava os nacionaes e os estrangeiros e não acclimados a sahida para Petropolis, Tijuca, Santa Thereza, e outros sitios analogos; fôram tambem creadas commissões parochiaes de saúde publica. As observações de Lalle-mant eram já uma prova calorosa da não contagiosidade da febre amarella, principalmente as que se referem a Petropolis, onde a maior promiscuidade dos receptivos com os doentes ainda febris não occasionava a transmissão do doença.

Para a sua horrorosa faina destruidora sempre fôram as terras da America as preferidas pela febre amarella, que tomou por isso muito justamente os nomes de typho americano e peste americana. Durante cerca de quatro seculos a febre amarella destruiu, sem remedio, a vida humana, aos milhares, ora nas Antilhas, ora no Mexico, ora na America Central, ora no Brasil, ora na Colombia, ora na Venezuela ora nas Guayanas, ora na Argentina, ora no Uruguay, ora no Chile ora no Equador, ora no Perú.

A febre amarella irradiava-se ás vezes para a Europa, ia até a Africa, não desprezou a Asia, mas parecia que a sua residencia era na America. Ella é de facto um mal americano, a peste americana, tanto que se

póde dizer até que a febre amarella foi importada da America do Norte para a Africa, pelos navios negreiros, como opina E. Brumpt, sendo a primeira noticia della conhecida em 1763 nas Ilhas do Cabo Verde, passando depois a varios pontos da Africa Occidental. Ella só ficou conhecida, e só foi observada entre os europeus depois que estes vieram até á America, isto é, depois da segunda viagem de Colombo, em 1493. Certamente existiam, na America, antes da vinda de Colombo, fócos endemicos de febre amarella, e Finlay concluiu que esses fócos deviam ser na ilha de Santo Domingo, nas Antilhas, nas costas de Venezuela e da Colombia, e talvez no Mexico.

Tinha assim razão aquelle medico peruano, de Lima, Dr. Mariano Arosemena Quezada, que, em 1868, attribuindo a febre amarella a seres organizados, vivos, microscopicos, que infeccionavam o sangue, perguntava e explicava: “¿Cuál fué el origen de estos seres? Es probable que fueran creados juntos con todos los demás de la creación, pero los que se salvaron de la arca de Noé fijaron su residencia en las Antillas, en la costa Atlántica de la América, desde Vera Cruz hasta el Brazil, y en la costa pacífica desde la Baja California, hasta Guayaquil?” (Dr. Juan Coppelo, Nuevos Estudios para determinar las causas, la naturaleza y el tratamiento de la fiebre amarilla, Lima, 1870.) A bôa e santa ingenuidade . . . mas era essa a verdade. Coubera-nos em partilho o mal terrivel, mas coubera-nos tambem o destino de descobrir o meio de evital-o seguramente. E foi uma das mais bellas conquistas do engenho medico essa descoberta.

Como se sabe, a prophylaxia da febre amarella só foi achada depois que se provou ser o mosquito a transmissor da infecção. Dantes eram tudo incertezas, e nem o monumental bluff scientifico de Sanarelli conseguiu mostrar o verdadeiro caminho. Fôram propriamente anglo-americanos os que provaram experimentalmente esse papel transmissor do mosquito, os medicos militares dos Estados Unidos, Walter Reed, James Carroll, Jesse Lazear e Aristides Agramonte, em 1901-1902. Mas a idéa directriz, a semente que brotou tinha sido lançada desde 1881 por um latino-americano o Dr. Carlos J. Finlay, de Havana, que não só affirmou convencidamente que a febre amarella era transmittida pela picada de um mosquito, como designou com exactidão esse mosquito, o *stegomyia calopus*, o qual tem sido tambem denominado *culex fasciatus*, *stegomyia fasciata*, *stegomyia argenteus aedes calopus* e por ultimo *Aedes ægypti*. Infelizmente Finlay não conseguiu fazer a prova completa da sua convicção, mas a obra immortal da Comissão norte-Americana não deixou de ser o corollario da de Finlay, que nunca esmoreceu no que estava convencido ser a verdade.

Ao Brazil não podia passar despercebida a obra de Finlay e da Comissão Norte-Americana. Eramos uma victima multiseccular da peste amarella, que nos flagellava desde 1865, roubando-nos os

filhos, salteando o estrangeiro, desacreditando o nosso nome. Eramos uma terra maldita, ao que se julgava. Não havia esforços que surtissem effeito. Tudo era baldado. A pestilencia voltava sempre inexoravelmente, para novas e maiores hecatombes. Assim, logo ecoou em nosso paiz a memoravel communicacão da Commissão norte-americana ao Congresso Medico Pan-Americano, celebrado em Havana em fevereiro de 1901, e logo o assumpto entrou no periodo da propaganda scientifica entre nós. Só em 1905, porém, com a entrada do Sr. Doutor Oswaldo Gonçalves Cruz para a direcção sanitaria federal, começou a nova prophylaxia da febre amarella a ser posta rigorosamente em pratica no Rio de Janeiro.

Não foi facil o começo. Nós tinhamos, nesa data, apenas a base scientifica da prophylaxia. Era preciso crear a technica, os seus detalhes, de accordo com o meio. Depois, a incredulidade de grande numero de medicos no papel do mosquito influiu sobre o animo do provo creando difficuldades de nova especie. Pois que: Só mosquito, então, era o responsavel pela transmissão da febre amarella? Não era possivel, diziam. Mas a convicção e a tenacidade de Oswaldo Cruz e a dedicacão de seus auxiliares tudo venceram sem violencias e dentro de pouco os factos se impuzeram. Quando em abril de 1903, foi iniciada no Rio de Janeiro a prophylaxia da febre amarella segundo a doutrina da sua transmissão pelo mosquito, já tinham occorrido mais de 500 obitos da molestia; de 1889, o anno da fundacão da Republica, até 1903, o numero de obitos era de mais de 25,000, mas em 1906, esse numero era de 42, em 1907, de 39, e de 1908 em diante, 1909, 1910, 1911, e 1912, etc., nenhum obito tivemos da velha pestilencia.

Esse serviço de prophylaxia especifica da febre amarella esteve a cargo: 1. de uma repartição especial, subordinada á Directoria Geral de Saúde Publica, a qual era dirigida por um inspector chefe a 10 inspectores sanitarios e era encarregada da remoção e isolamento domiciliario dos doentes e de todas as operações necessarias para a destruicão dos mosquitos e dos seus viveiros; 2. de 60 inspectores sanitarios, dirigidos por 10 delegados de saúde, distribuidos pelos 10 districtos sanitarios em que a cidade foi dividida, aos quaes incumbia a vigilancia dos communicantes de febre amarella o recebimento das notificacões, e as intimacões necessarias para a extincção dos viveiros de mosquitos, a cobertura dos depositos d'agua e a hygiene domiciliaria. O pessoal subalterno se compunha de 236 capatazes, 18 carpinteiros e, na média, 1,100 trabalhadores. A febre amarella foi extincta. E a formosa cidade renasceu.

Houve tempo em que chegámos á franqueza dolorosa, mas logica, de trancar aos immigrantes os nossos portos, por não offerecer ao fogo devorador da febre amarella o seu principal combustivel—o estrangeiro. Mas depois affluiram os estrangeiros, augmentaram os negocios, não se pensou mais no duende secular que nos apavorava.

Merece certamente desculpa o orgulho que temos em proclamar esta victoria, ganha por Oswaldo Cruz, graças á descoberta de Carlos Finlay e de Reed, Carroll e Agramonte. E é com carinho que guardamos as palavras do senador Lauro Muller, que assim celebrou o acontecimento, falando dos beneficios de Republica:

Nenhuma victoria mais bella registra a nossa historia, porque nenhuma foi jamais tão humana nas suas consequencias, nem mais brilhante na demonstração da nossa energia e capacidade scientifica. Contai quantas vidas o monstruoso flagello devorára durante meio seculo; imaginai os rios que se formaram com as lagrimas de dôr que elle fez derramar no seio das nossas e das familias estrangeiras; calculai a noite escura e dolorosa que se formaria sobre as nossas cabeças se o nosso firmamento se vestisse um dia com os tecidos que enlutaram as familias victimadas; pensai nas agonias dos que se fôram, na dôr dos que ficaram, no terror desconceituoso do mundo inteiro. Contai, imaginai, calculai e dizei-me se pôde haver gloria maior que essa da nossa sciencia; maior activo que esse no balanço de um governo. Se outros titulos não tivesse a Republica á estima publica, esse só lhe bastaria para redimil-a dos erros que os seus homens tenham commettido.

A febre amarella reapareceu na cidade do Rio de Janeiro em 1928, tendo occorrido os primeiros casos no segundo trimestre do anno. Qual a origem dessa nova epidemia? Observados os factos, analysadas as relações entre elles, e, em materia de febre amarella, applicadas as leis epidemiologicas já conhecidas exactas, a origem desta pequena epidemia foram seguramente casos de febre amarella vindos do norte do Brasil.

Em 1916, a Fundação Rockefeller, dos Estados Unidos, creou uma commissão especial, presidida pelo General Gorgas, para estudar a etiologia da febre amarella e os meios de combatel-a, pondo á disposição dos paizes em que a doença era endemica especialistas e recursos financeiros que os ajudassem em tal campanha. O Brasil foi um dos que acceitaram essa cooperação, em fins de 1923. Está escripto nos tratados modernos de hygiene que em virtude dos trabalhos de prophylaxia assim feitos sob a orientação e com o auxilio da Fundação Rockefeller, a febre amarella é uma doença que se esvaece ("a vanishing disease"), tendo sido supprimida no hemispherio occidental. No Brasil, os factos provaram que ella não foi ainda extincta pelos trabalhos da Repartição de Hygiene Internacional (Internacional Health Board) da Fundação Rockefeller que se incumbira dessa tarefa, nos Estados do Norte do Brasil.

No Estado da Bahia, em 1924, houve 277 casos, em 1926, houve 179 casos em varias localidades do interior do Estado e 4 na capital, e uma epidemia se desenvolveu nas forças do exercito que operavam, então, no Nordeste e no interior da Bahia, epidemia que se estendeu até Pirapora, em Minas Geraes. Nos Estados de Pernambuco, da Parahyba e do Rio Grande do Norte, em 1926, ainda houve pequenas epidemias; e outros casos occorreram em Sergipe, Maranhão, Piauhy.

De modo que se pôde affirmar que a infecção amarillica continuava viva nos seus centros de endemicidade no interior dos Estados do Norte do Brasil.

Os technicos da Fundação Rockefeller partiram de dous postulados para organizar a sua campanha contra febre amarella no Brazil: o primeiro foi que nos paizes tropicaes a endemicidade da febre amarella está nas grandes cidades e a epidemicidade nas cidades relativamente pequenas (White), o segundo foi que, expurgadas da febre amarella as grandes cidades litoraneas, todos os outros focos extinguir-se-iam automaticamente. Mas, se, talvez, esses postulados foram verdadeiros para as localidades do interior dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, em relação aos focos que foram as cidades de Santos e do Rio de Janeiro: a extensão delles ás regiões de norte do Brazil não tinha fundamento: as condições de temperatura no norte do Brazil são tais que a multiplicação dos *Stegomyia*s se faz durante todo o anno, podendo a epidemia ser conservada perennemente a menos de extincta artificialmente por uma campanha anti-larvaria convenientemente organizada e conduzida. Ao passo que no Sul as condições que são as mesmas e existe de permeio uma época de temperaturas frias sufficientes para matar os mosquitos infectados e contrariar a proliferação delles. Elles deduziram dos factos observados leis demasiado fixas e schematicas, onde ellas não cambiam, os factores que condicionam a endemicidade da febre amarella em uma localidade ou região não estão todos ainda bem elucidados. As condições geographicas, climaticas e sociaes do Norte do Brazil são muito especiaes, como os technicos brasileiros mais de uma vez fizeram observar.

As proprias descobertas mais recentes autorizam este nosso modo de ver: a de ser a febre amarella causada por um virus invisivel, o virus de Stokes, e não pelo leptospira de Noguchi ou outro; a da existencia, pelo menos até agora experimentalmente, de um outro animal hospedeiro do germen, o macaco rhesus; a da receptividade dos negros para o virus; sendo que a propria natureza da immunidadade para a febre amarella dos nativos das regiões em que ella é endemica não se pôde talvez explicar sómente pelas pequenas infecções inapparentes.

Outra causa do reaparecimento da febre amarella no Rio de Janeiro foi o erro que commetteram os dirigentes da Saúde Publica de considerarem desnecessario o combate aos mosquitos na cidade, desde que não havia nella mais febre amarella e se consideravam extinctos os focos do Norte do paiz. Este erro data de longe. Já em 1915, affirmava-se em relatorio official e se prevenia ao publico que a brigada de mata-mosquitos seria dispensada ou occupada em outro mister logo que fosse extinctos os focos de Norte, e, pelos jornais, autoridades da Saúde Publica doutrinavam que quem não quizesse soffrer os incommodos dos mosquitos que tratasse de extinguil-os e de de-

fender-se delles, porque sem febre amarella os mosquitos não eram um problema de saúde publica para nós, nesta cidade.

Este conceito erroneo do problema dos mosquitos e da febre amarella em saúde publica continuou pelas administrações sanitarias seguintes. O combate aos mosquitos foi pouco a pouco sendo posto em segundo plano e, afinal—abyssus abyssum invocat, — a organização para isso existente foi sendo desfeita, as verbas para o pessoal diminuidas, praticamente foi extinto o serviço.

Houve quem protestasse contra a orientação errada. O jornal *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, por exemplo, em 17 de fevereiro de 1917 e em 14 de abril de 1918 publicou dous artigos clamando pela verdade e contra o perigo da invasão da febre amarella a que ficava sujeita a cidade. Mas foi em vão. A epidemia de 1928 foi pequena (108 casos), mas grave, dando uma mortalidade de 55 por cento. Ella não se comportou como incidindo em população destituida de qualquer immuidade: os estrangeiros foram os mais atacados, mortalidade de 62 por cento, a mortalidade dos nativos foi bastante menor.

O exito do combate á febre amarella no Rio de Janeiro e em Havana, quasi concomitantemente, o exito analogo conseguido pelos hygienistas brasileiros em Manáos (Estado do Amazonas) em em Belem (Estado do Pará), applicando a mesma technica seguida por Oswaldo Cruz, mostram o valor da hygiene prophylactica e mostram que somos capazes da victoria nesses combates. A jugulação rapida do surto de febre amarella de 1928 corrobora ainda este modo de ver. E esta victoria foi outra bella victoria, ganha pelo actual Director do Departamento Nacional de Saúde Publica.

Que horror não seria a revivencia da febre amarella como flagello da cidade do Rio de Janeiro, para o prejuizo immenso do paiz, para o seu descredito, para o seu lucto e as suas lagrimas!

Publicações Uteis do Departamento de Saude de São Paulo

O Serviço Sanitario do Estado de São Paulo, Brasil, têm publicado recentemente publicações de muito valor educativo sobre dois insectos dos mais nocivos para o genero humano: o mosquito e a mosca. Abundantemente illustrados, estes pamphletos offerecem uma completa exposição dos damnos causados por essas sevandijas, das condições que permitem a procriação das mesmas e dos medios de combatel-as. Toda esta informação, com outros muitos dados sobre o assumpto, apparece em uma forma simples e pratica, que os muitos diagrammas explanam todavia melhor. Contra a mosca, aconselhase: Construir as cocheiras e estabulos longe do perimetro urbano; impermeabilisar o piso das cocheiras e laval-o com frequencia; derramar leite de cal ou cal virgem ou kerozene sobre o excremento; removel-o para longe das habitações. As recommendações contra o mosquito incluem: Combate ás larvas dos anophelineos pela drenagem dos terrenos, uso de larvicidas e destruição dos focos de procriação; uso de telas de arame nas habitações; exterminio do mosquito adulto nas habitações, pela fumigação; exame do sangue dos habitantes dos logares infectados para averi-